

QUEM VÊ, NÃO REPRESENTA

* Roberto Rodrigues

Chico da Carne tinha um rancho na beira do Córrego Minguado, a uns poucos quilômetros de Cruz Branca do Meio. Em raros sábados, à tarde, levava para lá alguns amigos mais chegados e fazia em churrasquinho com uma carne supimpa que tinha guardado para ocasiões assim, especiais. Só aos sábados, porque durante a semana o rancho servia a propósitos menos nobres.

E ainda mais raramente, muito raramente, ele e os amigos acabavam dormindo lá mesmo de sábado para domingo, principalmente quando abusavam um pouco mais da branquinha...

Pois foi numa destas oportunidades que se deu este acontecido. Foram com ele dois amigos, o Nico da Força, dono de um pequeno alambique pertinho dali, e o compadre Aristodemo, velho treinador dos galos de briga do famoso galista Mimi, todas figuras já nossas conhecidas.

O Nico levava a cachaça, que tinha quase de graça, e o Aristodemo cuidava do pão, da farinha de mandioca e do tomate. E estava feita a festa. Mas neste dia exageraram nos bebíveis. Quando a noite já ia alta, mastigando os últimos pedaços do gordo cupim trazido pelo Chico, enveredaram por uma conversa meio sonsa: como já tinham comido carne por umas 3 horas, começaram a gabar suas dentaduras.

O Nico empurrou o assunto, dizendo que era um cabra devorivo e devia isso à fortitude da sua dentadura. Magrelinho e baixinho, contou que a tinha feito num dentista famoso da cidade grande, recomendado pelo seu grande companheiro de esbórnias etílicas, o Cunha da farmácia.

E o Aristodemo, cara grande e boca rasgada, mostrou-se surpreso, nem sabia que o Nico tinha dentadura:

- "Quem vê, não representa!", exclamou, boquiaberto, mostrando, sem querer querendo, a sua própria dentadura, bitelona, feita também lá por fora.

E tome gabação: "- a minha é boa demais pra comer goiabada cascão, nem num alui", dizia um; o outro, sem pensar um segundo: "- pois destruí uma rapadura inteirinha cos dentes da frente". Grunhia o desafiado: "- mas bala puxa-puxa, cê guenta?". "- vixe, sem baldeação!"

Vararam assim algumas meias horas, sob o olhar já vazio do Chico que nem mais virava o espeto, não conseguia.

E, no adiantado da noite e da letargia, resolveram dormir no rancho. Nico e Aristodemo, bem encachaçados, colocaram as dentaduras cada uma num copo com água, deixando os copos no chão, ao lado das camas. E emborcaram, roncando como moto-serra.

O Chico, que ainda foi empilhar as tralhas antes de se deitar, não conseguia dormir com a barulheira dos dois, e resolveu se vingar daquela barafunda e trocou os copos, que eram iguais. E por fim adormeceu, de tanto álcool que tinha no sangue. "Engraçado", pensou antes de se deitar: "todo mundo fala que o álcool sobe; para mim desce, fico é com as pernas moles..."

Acordou assustado de madrugada, com o Tupi, seu leal fox paulistinha lambendo a sua boca.

Com o berro do susto que levou, acordou os dois convivas que não tinham nem mudado de posição.

Ainda tontos e sonados, os dois se levantaram, fizeram as necessidades no mato, puseram as dentaduras – trocadas – e foram tomar café que o Chico já ia coando.

O Nico precisava segurar os dentes da frente quando falava e o Aristodemo, boca murcha, ia reclamando: “foi só elogiar essa fedaputa ontem, que hoje ela está pegando na minha gengiva!”

Chico, paciente e sacana, deixou os dois tomarem café e, quando viu que não conseguiam nem roer o pão de queijo, sugeriu que talvez tivessem errado nos copos.

A troca foi feita e tudo se ajeitou, mas os dois passaram o domingo inteiro cuspiendo, um com nojo do outro.